11 de Janeiro de 1920

ANNO IV — N.º 170

ASSIGNATURAS

Pagamento adeantado

Portugal e Hespanha, anno 2$000; semestre 1$000; Colonias portuguezas, 2$500 ou 2$000 pagos em Aveiro. Extrangeiro, excepuando Hespanha, 3$000 fortes.

Numero avulso 40 reis

Redacção e administração

Praça Luiz Cypriano—Aveiro

O DE AVEIRO

SEMANARIO INDEPENDENTE

Proprietario, Director e Editor — HOMEM CHRISTO

Publicações

No corpo do jornal 300 rs. a linha. Pagina de annuncios 200 rs. a linha. A linha é contada em columna de annuncio.

Composto e impresso na TYPOGRAPHIA NACIONAL (a vapor), R. dos Santos Martyres — AVEIRO.

Publica-se aos domingos

Educação Nacional

Prometti, no ultimo artigo, abordar hoje o programma. Empreguei este termo porque o tenho lido assim em algumas das cartas dos nossos adherentes. Mas não me parece que seja o termo mais proprio para uma *Liga de Educação Nacional*. O programma de uma *Liga de Educação Nacional* ou é uma coisa muita extensa, ou diz-se tudo n'uma palavra só. Em qualquer caso não me pertence a mim tratar d'isso, nem eu tenho tempo *para tratar de tudo*. O mais que eu poderia fazer era expôr sobre o assumpto as minhas opiniões pessoaes. Mas parece-me melhor constituir primeiro a *Liga* e tratarmos d'isso depois. Pois se a *Liga* ainda não está constituida? Não quero acreditar que o destino d'esta terra seja começar *sempre pelo fim*, o que teve, tem e terá como consequencia nunca se chegar a finalidade nenhuma.

Diz-se, já m'o teem dicto: «E' que com o programma é mais facil obter adherentes». Ora essa! Mal da *Liga* se os adherentes precisam de um programma para adherir, tendo uma synthese perfeita e clara do programma no proprio titulo. A palavra *educação* é já de si um programma. E que grandioso programma! *Educação Nacional* é um programma mais completo. E *Liga de Educação Nacional* é um programma completissimo. Se perante essas três palavras não accorda o enthusiasmo ou a vontade dos adherentes, olhem que não accorda deante de coisa nenhuma. Se essas três palavras não lhes dizem tudo, não ha nenhumas que lh'o digam. Se as não percebem, tambem não ficam percebendo o programma, de machinismo mais complicado e difficil. Eu não digo que se não faça o programma. Mas o que é preciso desde já é constituir a *Liga*. Essa a primeira necessidade. O resto virá a seguir. Sejamos praticos e methodicos se queremos vencer. Primeiro os alicerces. Depois as paredes. Depois o telhado. E só depois da casa prompta trataremos da mobilia.

N'estas coisas o *fogo sagrado* é tudo. Teem ou não teem os adherentes o enthusiasmo da idéa? Se teem faz-se tudo. Mas se não teem *nada se fax*. O que falta saber é se é preciso começar por reformar a mentalidade dos adherentes. Eis o *busilis!* Lá fóra, nos paizes cultos, todas as grandes reformas foram obtidas por associações da natureza d'esta *Liga de Educação Nacional* a que acabamos de lançar os fundamentos. Todas! Se os leitores imaginam que na Allemanha, na Inglaterra, na Suissa, na Noruega e na Suecia, na Belgica, na Hollanda, na Dinamarca e na França, as grandes reformas politicas e sociaes cahiram do céo, ou surgiram um dia, já feitas, de dentro da copa dos chapéos dos ministros, redondamente se enganam. Todas ellas foram obtidas á custa de grandes movimentos de opinião, e após annos de lucta, ás vezes. Todas ellas! As reformas de instrucção, como as de educação. As reformas sociaes, como as reformas politicas. E esses movimentos de opinião foram sempre creados, orientados e dirigidos por grandes associações fundadas por homens que se tornaram verdadeiros apostolos dentro d'ellas.

Ora essa mentalidade é que nos falta. Falta-nos a mentalidade que cria a idéa e falta-nos o fogo sagrado do apostolo votado á idéa. Falta-nos a tenacidade d'esses *magicos*, como lhes chamamos. Aqui, um homem que se dedica á propagação de uma idéa e que vive para ella, é um *magico*, maneira suave de lhe chamar maluco. Magicos aliás *muito raros* e em regra dedicando-se não a grandes idéas mas, de facto, a verdadeiras... magiquices.

São essas associações, lá fóra, propulsoras d'esses grandes movimentos de opinião, que forçam a mão aos ministros! Que os *coagem*, que os *obrigam* ás grandes reformas sociaes, administrativas e politicas. Aqui, tudo depende do *bem querer* dos ministros. De uma maneira disfarçada, ainda é o *bon plaisir* do absolutismo. E' o caldo do convento. Estende-se a gamella. Se o ministro está de bom humor, vem a comida. Se não está, aguarda-se occasião mais propicia.

A França era, das nações cultas, a mais atrazada no combate ao alcoolismo. E tambem das mais devastadas por esse terrivel flagello. Depois de 1914, sobre a declaração de guerra, resolveu-se a atacar esse pavoroso inimigo. Logo varias associações se lançaram n'essa cruzada magnifica. Umas, já antigas. Outras creadas de novo expressamente para isso. Por fim federaram-se constituindo o que lá chamam a *União Sagrada* contra o alcoolismo. O movimento de opinião creado por ellas é tão poderoso que o parlamento não lhes tem podido resistir. A dar-lhe satisfação, leis successivas teem sahido. E a *Confederação Geral do Trabalho*, que é, como se sabe, poderosissima, já pede nada mais nada menos que **a prohibição completa do fabrico de bebidas alcoolicas e a sua entrada em França**, admittindo como **unica excepção** o alcool destinado ás industrias.

Eis um artigo interessante e importante que eu poderia inscrever desde já no programma da Liga. Nada melhor que começar a vida activa da nossa associação por um congresso nacional contra o alcoolismo. Mas onde temos nós, onde teem os senhores, recursos para isso? Eu não sou homem de tretas nem de léorias, mas de realidades. Não armo á impostura, nem á hypocrisia. D'isso estamos fartos. Todos nós. Ora ir fazer um programma pomposo sem recursos para o executar, seria continuar esta vida de charlatanices e de impostaras que nos tem enchido de ridiculo.

Constituam primeiro a sociedade. Comprehendam o seu enorme alcance. Convençam-se dos extraordinarios serviços que ella pode prestar. De que em pouco tempo, se formos energicos e intelligentes, estaremos senhores de tudo isto. Esse é o facto: estaremos senhores de tudo isto! Quem nos resiste? Qualquer d'esses charlatães politicos que não valem um caracol, e que fundam toda a sua importancia na inacção, passividade e ignorancia d'um paiz que só se manifesta, de quando em quando, nos paroxismos da sua lenta agonia, por actos d'estupida desordem?

A tantas desgraças que já nos afligiam faltava juntar a do alcool. O alcoolismo devora-nos. Positivamente, devora-nos. Em paiz nenhum elle vae tão desenvolvido como entre nós. E' um pavor! Eu moro n'uma aldeia onde não havia taberna nenhuma ha cincoenta annos. Hoje ha seis ou sete, sem que a população, é claro, tenha crescido, longe d'isso, em taes proporções! Na Costa de Vallade, outra aldeia d'este concelho, contava-me ha dias um amigo que só havia ha trinta annos uma taberna. Hoje ha cinco! Ha trinta annos essa taberna vendia uma pipa de vinho por mês. Hoje só uma das cinco tabernas vende cem pipas de vinho por anno! Na cidade de Aveiro, ha uma taberna, porta sim, porta não. E' um exaggero, bem sabemos. E' um modo significativo de falar. Mas o numero de tabernas cresceu, no meu tempo, de uma maneira prodigiosa. E todas apinhadas! E', actualmente, um dos nogocios mais rendosos.

Dantes as mulheres não entravam nas tabernas. Hoje entram as mulheres, os homens, as creanças e os velhos. Rapariga de 18 ou 20 annos que entrasse duas ou três vezes n'uma taberna tinha a reputação perdida. Hoje, por essas aldeias fóra, são ellas que convidam a entrar, e desafiam os homens. Dantes as mulheres não se embebedavam. Uma alcoolica era *um phenomeno*. Hoje as alcoolicas abundam, em todas as rodas sociaes. N'outro dia duas mulheres, aqui, proximo do logar onde eu moro, desafiavam-se, a vêr qual bebia mais. Beberam oito litros de vinho, as miseraveis! Porcas, e porcos os homens que as gosam. A quem não repugnam essas miseraveis, mais asquerosas com a barriga cheia de vinho do que com a cara borrada. Uma coisa que eu nunca comprehendi: como uma mulher supporta um bebedo, e não lhe repugna um homem lançando-lhe haforadas de vinho quando lhe dá um beijo, e como um homem não *estoira* uma mulher embriagada. Que monstro, uma mulher embriagada! Cheirando a alcool já ella é um monstrosinho, mesmo sem estar embriagada. Ha varias maneiras de uma mulher perder os seus encantos. Uma é beber vinho, pouco ou muito. Mas então embriagada, passa de monstrozinho... a vomitorio. Revolve as tripas a um homem!

Contava-me outro amigo que assistindo á missa na egreja da Oliveirinha, outra freguezia d'este concelho, onde o alcoolismo, ao que se conta, começa no professor da propria escola, como, não ha muito, esteve em S. Bernardo uma professora que ia lanchar todos os dias, á vista das creanças, á taberna, que ficava defronte da escola, empinando, ao lanche!, um litro de vinho de cada vez, contava-me outro amigo que assistindo á missa na egreja da Oliveirinha, uma creança de mama, que uma mulher, que estava junto d'elle, tinha ao collo, vomitou. O quê? Que imaginam os senhores que vomitou a creança? Aguardente! Coisa aliás vulgar. Dar aguardente e vinho ás creanças *é commum*, vulgarissimo, n'estes barbaros. Sobretudo o vinho é para elles um nectar, com virtudes milagrosas!

D'aqui vem a perdição completa d'esta raça. Esta raça extingue-se, como a dos pretos entregues ao *deboche*. Passe o gallicismo, que é euphonico. Do alcoolismo resultam as terriveis doenças que todos sabem. A tuberculose, de que elle é uma das grandes causas. A cirroze, sobretudo a do figado, que medicos illustres sustentam ser peculiar dos bebedores de vinho, pois é nas regiões vinicolas que ella principalmente apparece. A paralysia, a loucura, o delirium-tremens, doenças nervosas de toda a ordem, formas várias de uma degenerescencia horrorosa. Isto as doenças physicas. Nas moraes e sociaes nem se fala. As dores intimas dos lares, o abandono dos filhos, as separações conjugaes, a nudez, as miserias, a prostituição, o suicidio, o assassinato, o crime sob todos os seus aspectos, um conjuncto que se não diz, que se não pode dizer, que se não descreve, que se não pode descrever, que é indizivel, que é indiscretivel, de arrepiar, inda mais que a vista do gigante Adamastor, os cabellos e as carnes.

Mas ha mais. Já seria muito, mas não é tudo. O alcoolismo augmenta ainda o espectaculo d'esta rua portuguêsa, tambem unico entre povos civilizados, tambem cada vez mais hediondo, tambem cada vez mais pavoroso. Hontem, quinta feira, encontrei uma rapariga, ahi de 18 annos, a cantar isto, n'uma das mais concorridas ruas de Aveiro: «*Vem cá, meu s..., que não comes mais esta semana*». Esta cantiga e outras do mesmo genero. E esta propria cantiga, que, n'uma passagem rapida, me não ficou toda de memoria, mais completa. Mas na essencia era aquillo. Com o s... por extenso, está claro, sonoro, repinicado, vibrante. Era no s..., justamente, que a cachopa punha o melhor dos seus encantos e o melhor... dos seus gorgeios. E olhem que não era *da vida*. Não, senhores. Uma rapariguinha *bem comportada*. E é na linguagem *indecente*, em plena rua, das mulheres *bem comportadas*, que melhor se nota a *immundicie* de espirito e de corpo em que chafurda esta terra.

Ahi teem outro artigo — a rua — para o programma da *Liga de Educação Nacional*. O artigo alcoolismo é *de alto lá com elle*, pois é um problema ao mesmo tempo commercial, industrial e social. A rua, a sua educação, a sua civilização, os meios de forçar a policia, o governo e o proprio povo a olhar para um espectaculo que nos envergonha, outro caso de importancia, de extraordinaria importancia, pois é pela *rua* que os extrangeiros *quasi exclusivamente*, e logo á primeira vista, fazem idéa de nós. Eu *afogo-os* com artigos de programma já que os senhores querem programma. Fóra dos problemas propriamente governativos, e já esses são difficilimos e immensos, ha problemas importantissimos a tratar. Eu *afogo-os* com artigos de propaganda, num povo estendido por terra, miseravelmente cahido na lama, onde ha tudo a fazer, onde ha tudo a tratar. Com a futilidade d'espirito que caracteriza esta raça, até os socios da Liga se aborrecem e cansam com a leitura do programma se eu o começo a desfiar. Não falta que fazer, senhores! Mas a primeira coisa a fazer é... arranjar homens! Venham homens, senhores! E o resto deixem. Haja homens, e a obra será admiravel. Atiremo-nos todos ao proselytismo, que é a primeira necessidade. Eu não quero ninguem *coagido*, por *força*, sem *consciencia plena* dos grandes serviços que a Liga pode prestar Mas vae distancia, d'ahi até ficar inerte, de braços cruzados. Muita gente precisa que a *despertem*, que a *accordem*, a chamem á realidade. Se até os meus amigos, os que eu tenho *por seguros*, se limitam a dizer-me *quando quizer bata á porta*, estamos bem arranjados. Não me faltava mais nada, que andar agora gritando *estás lá ou és de gesso?* por esse paiz fóra.

Boa maneira de ser *mestre*. E a verdade, a triste verdade, é que não ha outra maneira de ser *mestre*... entre nós. Os poucos, pouquissimos, que teem faculdades de *mestres*, só o podem ser, *só se lhe consente* que o sejam, trazendo... os discipulos ás cavalleiras.

Mas é assim, e estou vendo que nunca o será d'outra forma, o meu paiz, a minha terra, o desditoso... Portugal!

Homem Christo.

Poucas Palavras

Caiu o ministerio. Creaturas sem qualificação moral, traidores e gatunos, cobriram o sr. Sá Cardoso de improperios. O sr. Sá Cardoso, que, tenha os defeitos que tiver, é, ao menos, um homem honesto.

Somos insuspeito, porque não tinhamos pela situação cahida *sympathia nenhuma*. Somos insuspeito, porque á situação cahida, cabiam, como ás anteriores, tremendas responsabilidades. Somos insuspeito, porque achamos que o gabinete demissionario tem o castigo que merece. Mas falta-iamos ao nosso dever e á nossa tradição se hoje, como sempre, não dissessemos **toda a verdade**. E a verdade é que se as culpas do ministerio são muito grandes, maiores ainda são as dos ministerios anteriores, onde os **peores ministros** foram alguns dos bandidos que cobriram de insultos o sr. Sá Cardoso, o qual, repetimos, tem ao menos a vantagem de ser um homem honesto em face d'esses grandissimos canalhas. Gatunos, ladrões provados! Traidores infamissimos! Esbanjadores, immoraldes, crapulosos inqualificaveis! E ousam falar! Eis mais uma vez o banditismo politico em toda a sua nudez horrorosa!

De resto... só ha motivo para rir no meio d'esta tremendissima desgraça. Assim como assim, a desgraça é certa. Ninguem a evita já. Não vale a pena, pois, estar a chora-la. Olhos enxutos. Abra-se antes a bocca n'um sorriso, na expectativa certa da justiça, cuja hora está a soar.

Em carta hoje recebida, diz-me um amigo que se falla em Lisboa muito no meu nome. Farto estou eu de saber, e de dizer, que hão de vir em procissão, aqui, a Aveiro, procurar-me. E buscar-me. Para, sobre o andor ou debaixo do pallio, me levarem. Eu é que hei de escolher se o andor, se o pallio. Como os hombros são robustos, e as pernas solidas, escolherei o andor, provavelmente, para chegar a Lisboa... sem me cansar. D'isso tenho eu a certeza mathematica. Mas inda não é d'esta. Será quando a *verdadeira e unica dictadura*, mas sem ser a bolchevista, começar. E quando começar com ella funccionando, pela primeira vez, em Portugal, o **tribunal revolucionario**. Que fará cahir, não tenham duvida, umas tantas cabeças de ladrões e outras tantas cabeças de traidores. Fóra as grilhetas que atar á perna de varios miseraveis.

Não tarda!

Até breve. *Au revoir.*

«O de Aveiro» vende-se em Faro em casa do sr. Manoel da Assumpção Pires.

BANDIDOS!

Um jornal do Porto, ao que me dizem, que eu não li, conta que o cidadão Brito Camacho disse algures que lhe dera vontade de se fazer bolchevista ao ter conhecimento da maneira por que se reconstituira o ministerio. Bandido! Eis, n'este homem, mais uma prova viva da nossa baixa mentalidade. Eu nunca ouvi allegar a favor d'este homem senão o facto de ser... republicano. Os republicanos detestam-no. Dizem d'elle o que Mafoma não disse do toicinho. Mas deixam-no viver pelo simples facto do miseravel se dizer... republicano!

Ninguem tem feito mais mal á republica do que esse miseravel. Elle queixa-se dos democraticos e foi elle quem deu predominio politico aos democraticos. Elle queixou-se do Sidonio e foi elle quem deu o triumpho ao Sidonio. Elle, mais do que ninguem, afugentou os monarchicos, quando os monarchicos queriam adherir á republica sem constituir para ella um perigo sério. Elle, o auctor dos *adhesivos*, que encheu de *piadas* affrontosas os monarchicos! E elle quiz, e quer, quando os monarchicos constituiam e constituem um sério perigo, dar, na republica, predominio aos monarchicos. Mas como *se diz* republicano, tem absolvição para todo o mal que tem feito á republica, para todos os seus immensissimos peccados! Eis o espirito de quadrilha, mais uma vez revelado. E está bem. Porque não ha quadrilheiro nenhum sem licença d'esse miseravel.

Eu não o detesto senão por isso. Outros me teem feito muito mais mal do que elle me fez. Outros me teem dirigido muito maiores injurias do que elle me dirigiu. E, comtudo, eu quasi que perdôo aos outros, na razão da má vontade que sinto em mim crescer contra esse miseravel. E na razão da má vontade que sinto em mim crescer contra esse miseravel, porque elle é o typo mais *genuino* do quadrilheiro em Portugal. Outros serão mais ladrões do que elle, porque elle tambem o é, e dos peores. Se não é ladrão auctor, é ladrão cumplice, e ha cumplices mil vezes mais perversos do que os auctores, como a historia do crime demonstra a cada passo. Não roubará para elle, mas rouba para os outros de maneira escandalosa. Para augmentar e servir a clientela, de tudo lança mão e de tudo é capaz. Elle só tem um pensamento, *a que tudo sacrifica*: manter e augmentar a clientela. E como as clientelas politicas em Portugal só se manteem e se augmentam á custa de *muita comida*, elle é o mais feroz tubarão do erario que desde o D. Miguel tem apparecido entre nós. E depois vae para a camara clamar contra os esbanjamentos e erros da administração, fiel n'isso, aliás, aos processos d'este nosso banditismo sob todos os aspectos asqueroso!

Nos ultimos ministerios de concentração partidaria foram os ministros camachistas que bateram o *record* do esbanjamento e da crapula. Nenhum dos outros, tendo todos commettido as maiores poucas vergonhas, em pouca vergonha os egualou. E elle, Brito Camacho, arvorando-se na camara em fiscal da moralidade! Tartufo sem rival.

Outros serão mais ladrões do que elle, vinha eu dizendo. Mas em nenhum ha tanta pequenez moral. Ha criminosos com traços de grandeza, com rasgos de generosidade. N'este homem *não ha nada*. Vejam se elle tocou alguma vez a alma popular! Para tocar a alma popular é preciso ter qualidades assignaladas. Qualidades de sentimento, quando não sejam de intelligencia e de caracter. Tocou elle alguma vez a alma popular? Nunca! Em volta d'elle não ha povo. Dedicações nem enthusiasmos da rua. Ha uma clientela de comedores e de pedantes. Como elle, de coração secco, d'espirito mirrado. Vivendo dos seus favores e admirando-lhe as larachas.

Diz-se que a mãe, e não é *blague*, o viu tão feio, quando nasceu, que se poz a chorar. Deve ser verdade. Se todas as creanças, ainda as que se tornam mais lindas, são feias ao nascer, elle devia ser um monstro de fazer chorar. Todas as linhas do seu rosto se prestam, ainda hoje, ao desenho das maiores monstruosidades. Um desenhador não é capaz de construir um monstro, um rosto hediondo, com as linhas de uma cara perfeita. Nem um monstro, nem um rosto hediondo, nem um objecto de uso porco ou grotesco. Pois com as linhas d'aquelle rosto forma-se um crocodilo, um porco, uma coruja, um sapo, uma escarradeira e até, suprema abjecção... um bispote! Eu vou fazer tudo isso, mais sou um fraco desenhador. E no fim, ou eu combine um porco, uma coruja, um sapo, uma escarradeira, ou um bispote, fraco, repito, caricaturista que sou, toda a gente dirá, logo á primeira vista: *Não ha duvida, é o Brito Camacho!*

Que lhe deu vontade de se fazer bolchevista! Seria uma felicidade. O perigo não é esse. Quem déra! O perigo é os bolchevistas fazerem-se... Britos Camachos. Como se houvesse bolchevista, nem todos juntos, capaz de fazer á patria e á republica o mal que lhe tem feito esse miseravel!

Para ser *comido*. Mediocre em tudo, porque o é, no que pese aos seus admiradores de pechisbeque, com presumpções de *comer* toda a gente com as suas habilidades, as suas estupidas mas funestas habilidades, toda a gente o tem *comido* com a mais extrema facilidade. *Comeu-o* o sr. Affonso Costa, *comeu-o* o sr. Bernardino Machado, *comeu-o* Sidonio, e até o *comeu* o sr. Antonio José de Almeida, que elle, desdenhosamente, tratava... por ingenuo. Esta é que elle não esperava!

Depois de ter sido o creador do dezembrismo, propunha-se agora... o quê? Isto, tão somente, *restaura-lo!* Propunha-se e propõe-se, o miseravel.

Ha dois crimes, n'esse bandido, que nunca se lhe podem perdoar. Um, não lh'o podem perdoar os republicanos. Outro, não lh'o podem perdoar os patriotas. Quaes foram os d'elle ter sido o maior agente da propaganda contra a guerra e o d'elle ter sido o maior agente da ascensão ao poder de germanophilos e monarchicos encarnados no Sidonio. E quando digo que não lhe podem perdoar esses crimes nem os republicanos nem os patriotas é partindo da hypothese de que, fóra d'esse infame banditismo que afoga o paiz, ainda ha em Portugal republicanos e patriotas. Do que, tanto se tem visto, é licito duvidar. Não estamos nós assistindo ao espectaculo, sobre todos immoral, de andarem colligados com elle uma parte dos homens da *União Sagrada?* Quem diria, por exemplo, que o sr. Antonio Granjo ainda cahiria nos braços do sr. Brito Camacho? Esse doloroso espectaculo foi a ultima prova da depravação politica a que chegámos. Depravação do sentimento, da intelligencia e do caracter. Mas se ainda ha patriotas e republicanos n'esta infeliz terra, nunca esses perdoarão ao bandido que enthronizou no poder os germanophilos e os monarchicos, e que nos fez perder todo o fructo, ou o *melhor fructo* que da nossa participação na guerra podiamos tirar. O *melhor fructo*, que seria o restabelecimento do nosso credito, a resurreição do nosso prestigio, o sermos considerado um povo digno e *vivo* pelos alliados.

A elle se deve a maior parte d'esse grande desastre. Sem a sua propaganda contra a guerra, nunca os *sem-patria* e os *traidores* chegariam ás audacias a que chegaram. Sem a sua attitude revolucionaria, nunca o 5 de Dezembro se teria realizado. Ainda pretende, o bandido, clamando que sempre se oppoz á revolução, fugir a essa tremenda responsabilidade. O elle oppor-se ou não se oppor á revolução, *á ultima hora*, pouco importa. Conhecida a sua insigne covardia, é claro que se havia de oppor á revolução *á ultima hora*. O que importa é saber-se que foi elle *que preparou o movimento*, e que foi elle que creou a *atmosphera revolucionaria*. Elle e os do seu bando, que ninguem encontrou de pois nas enxovias, mas que todos encontraram, cahido o dezembrismo, empoleirados no poder commettendo os mais infames actos de arbitrio, esbanjamento e crapula. Tamanha foi a ingenuidade e a lorpice, e tambem a falta de pudor, dos pobres diabos que soffreram nas cadeias tratos de polé, para se deixarem por fim montar por aquelles que só havia razão para fuzilar. O Jorge Nunes, ministro! O Jorge Nunes, que tinha assignado a circular em que se

pediam donativos para se erguer em Lisboa uma estatua ao Sidonio! Quando o banditismo politico vae tão longe, com sancções das proprias victimas, não ha, não pode haver, por mais optimista que se seja, salvação para uma patria.

Foi Camacho quem miseravelmente e estupidamente, embora sempre encarrapitado na sua intellectualidade, estupidamente corrido, estupidamente ludibriado, eternamente a julgar que se bonze e eternamente a quebrar os narises, foi o Camacho quem levou ao poder os germanophilos e os monarchicos, que ninguem sabe ainda hoje por que artes do diabo deixaram de cumprir o seu intento, derribando a republica, para o que tinham tudo preparado. E será Camacho quem os ha de restaurar. Ver-se-ha! O jogo dos monarchicos é claro. Como claro é o jogo do Camacho. Os monarchicos, que detestam profundamente os republicanos em geral, votando-lhes o odio mais feroz que almas humanas teem gerado, procuram ver se dispensam o auxilio do Camacho. Para isso conspiram com actividade e com azafama. Entendidos com sidonistas e bolchevistas, se porventura ha differença entre sidonistas e monarchicos. Ao mesmo tempo, abrigam-se, para o que dér e vier, com o escudo do Camacho. Podem pôr a procissão na rua e vencem? Dizem adeus, de mão fechada, ao Camacho. Não podem? Adherem ao Camacho e absorvem-n'o. E ficam elles, gramando a republica, a governar. Gramando a republica, mas esperando, e preparando, o ensejo de a afogar.

Em todo caso, são elles, que não o sr. Antonio Granjo e outros, nem o Camacho, quem fica a governar. Quem abdica não são elles. Quem abdica é o sr. Antonio Granjo. De todo. Porque demais já elle tem abdicado.

Isto é o que vae succeder logo que se desagregue a maioria democratica. E era o que o Camacho esperava, e d'ahi o seu dicto, que succedesse já. O plano d'elles é apoderar-se do poder, empurrar o sr. Antonio José de Almeida e.. *Deus super omnia*. Elles confiam em Deus e na alma do Sidonio.

Excursão a Aveiro

Do *Atlantico*, de Matosinhos, transcrevemos o artigo que se segue, que naquelle periodico sahiu com o titulo: *Excursão Republicana a Aveiro*:

O Porto projecta ir no dia 25 do corrente a esta cidade, para lhe exprimir os seus sentimentos de admiração e reconhecimento, pelos altos serviços patrioticos prestados pelos aveirenses á nobre defeza da Republica, a quando da ultima insurreição monarquica. Todo o paiz sabe que nos dias tragicos de janeiro do ano passado a cidade do Porto fôra invadida por uma horda de sicarios, os mais ferozes inimigos do regime, os quaes á ordem de Paiva Couceiro e Solari Alegre, proclamaram a monarquia do Monte Pedral e resolveram destruir e assassinar toda a gente que tivesse fama de republicana. Neste intuito, sem respeito algum pelos seus concidadãos, sem sentimento algum de piedade e sem vestigios de pudor e de dignidade, invadiram os lares domesticos, prendendo e espancando cidadãos indefesos e pacificos, e arrastando outros para os horrores das enxovias ou para o martirio do Eden-Teatro, se acaso das agressões a tiro e a cavalo marinho ainda ficassem vivos.

Era o odio nas suas manifestações mais horrendas. O Porto nunca se viu tão falho de forças nem tão duramente espezinhado como por essa alcateia de lobos que o jesuitismo recrutara das *alfurjas* das sacristias e dos centros católicos.

Entretanto, no sul, mormente em Lisboa, a grande população da capital, eminentemente republicana, apresta-se para bater o chacal, emplumado das côres garridas de azul e branco.

E toda aquela massa humana, amante das liberdades e do seu berço, levanta-se ingente e formidavel a defrontar-se com as hienas.

Tomam o caminho do norte. E ali em Aveiro, essa formosa terra do ilustre José Estevão, forma-se um batalhão aguerrido e audaz, pronto a bater o destrambelhado troço paivante. Horas de incerteza e de tortura; mas ali se teceram os primeiros loiros do triunfo, desse triunfo definitivo que as armas da coluna de Abel Hipolito haviam de assegurar á vida da Republica.

O Porto, como escravo algemado, soltava a toda a hora o gemido da dôr e do desespero.

Pois bem. A resistencia heroica da nossa Liege fortaleceu as nossas esperanças e desmantelou completamente as arremetidas das rêses que Couceiro enviava para o sul, na ilusoria esperança da conquista da capital.

E' esse facto bélico um brasão imperecivel que sendo orgulho da nossa raça, se torna igualmente motivo forte para lhe rendermos a homenagem bem sentida da nossa gratidão.

O Porto e o norte do paiz deve ir em romaria civica até lá, naquele dia, abraçar os seus irmãos de combate e depositar-lhes no salão nobre do seu senado municipal uma linda palma de bronze que fique, perpetuamente, junto da medalha da Torre e Espada, com que foi condecorada a cidade pelo sr. Ministro da Guerra, a atestar á posteridade o seu esforço, o seu civismo, a sua dedicação pela Patria e pela Republica e o muito sentimento de gratidão dos portuenses republicanos aos seus correligionarios aveirenses.

Activam-se os trabalhos neste sentido.

Todas as Comissões politicas, centros republicanos e grupos civis se estão entendendo para que a excursão resulte o mais brilhante possivel. Vai fazer um ano. Ao recordar essa desgraça, ao evocar esses momentos tragicos de suprema vergonha e desfalecimento, valha-nos ao menos a consolação de que o paiz resgiu e triunfou. Que seria de Portugal hoje nas mãos de aqueles inimigos seus? nas mãos daqueles entes abjectos, ignorantes uns, interesseiros outros, malvados e traidores todos? Todos germanofilos, todos jesuitas, todos ladrões e assassinos!

O que seria de nós e da Republica? No Eden deixaram ás portas da morte duzias de republicanos; nas enxovias morreram cinco que foram enterrados clandestinamente e com nomes trocados; abusaram da honra de algumas mulheres; roubaram as carteiras aos presos e escacaram os gremios, clubs e centros, bem como casas particulares. Que mais haviam de fazer? Apoderarem-se das notas do Banco de Portugal e das dos particulares. Foi a ultima façanha, antes da fuga covarde. O assalto aos cofres publicos e ás algibeiras do povo foi o ultimo gesto dessa desmentada corja que o catolicismo recrutara para defesa do seu credo e conquista do seu poder. Suprema ignominia!

E continua a padralhada, essa seita parasitária e atrevida, a prégar moralidade, ordem, justiça, liberdade e amor!

Ah! velhos e ignobeis tartufos que nos seminarios bebeis a peçonha de todas as hipocrisias, para explorardes a ingenuidade das almas inocentes e rudes!

Como sois abominaveis! e como sois mistificadores!

Republicanos! Vamos a Aveiro abraçar os nossos irmãos e levar-lhes ao coração o beijo da nossa fé e do nosso eterno reconhecimento.

Ainda não foi desta vez (e nunca mais o será) que "os milhafres fizeram ninho na caverna dos leões".

Camilo de Oliveira.

* * *

Lê-se no *Norte*:

A excursão republicana a Aveiro

Convidamos os membros das comissões nomeadas para a grande excursão a Aveiro a reunirem hoje e dias seguintes, pelas 20 1¡2 horas, no Centro Democratico Federal 15 de Novembro de 1890, á rua de Fernandes Tomáz, afim de continuarem os trabalhos iniciados.

Recebem-se adesões e está patente a subscrição para a Palma de Bronze.—O presidente, *Camilo de Oliveira*, e o secretario, *Alcino Fernandes*.

13 de Fevereiro

1919—1920

A cidade do Porto irá oferecer aos republicanos da heroica cidade de Aveiro uma linda Palma de Bronze, memorativa da coragem e fé republicana com que impediu o alastramento da invasão couceirista.

O "Grupo Civil 14 de Maio" logrou realizar a ideia da sua iniciativa, e reuniu as agremiações republicanas, no Centro Democratico Federal 15 de Novembro, da freguezia de Santo Ildefonso, dessa reunião saindo a formação de uma grande comissão executiva, onde estão representadas todas as nuances republicanas e a imprensa, como a seguir se verá.

Não tendo podido comparecer o sr. ministro do Trabalho, foi sua ex.ª representado pelo seu secretario, e aceitou a presidencia da grande comissão, que ficou assim constituida:

Comissão executiva—Dr. José Domingues dos Santos, ministro do Trabalho; Camilo de Oliveira, professor; Alcino Fernandes, guarda-livros; Eugenio Parada da Silva Leitão, capitão; Ernesto Augusto Costa, empregado publico; Antonio Joaquim de Oliveira, empregado publico; Inacio Martins Barbosa, industrial; Tamagnini Barbosa, deputado; Paiva Manso, deputado; Lourenço Rodrigues, comerciante; Joaquim Pinto, industrial; Mario de Magalhães, escrivão; e Manuel Teixeira Pinto Ribeiro.

Propaganda—Camilo de Oliveira, Corregedor da Fonseca, José Vieira, Vaz Passos, pelo "Noticias"; Eleuterio Cerdeira, Tamagnini Barbosa, Lopes Teixeira, pelo "Norte"; Francisco Seara, pela "Montanha"; José Pinto, Antonio Brandão, Gilberto Cabral Sacadura, e João Antonio Justino Junior.

Transportes—Antonio Faria, Antonio Joaquim de Oliveira, Tamagnini Barbosa, Paiva Manso, Inacio Martins Barbosa, dr. João da Costa Miranda, Americo Cardoso, cupitão Acacio Lebo, Avelino Melo, e dr. João Baptista da Silva.

Finanças—Camilo de Oliveira, Alcino Fernandes, capitão Parada Leitão, Ernesto Augusto Costa, e Julio Gomes de Sousa.

Subsistencias

Ha quem sustente que a carestia da vida ainda se aguentará por algum tempo. E' provavel. Tudo nos indica que assim seja. E se attendermos a opinião de alguns homens experimentados teremos, ainda que nos custe, de soportar mais uns dois annos, pelo menos, o alto preço dos artigos de primeira necessidade. E' muito. Muitissimo. Nem eu sei como é possivel viver-se mais dois annos nas condições horriveis em que temos vivido até aqui. Não ha dinheiro que chegue. Os generos vão subindo de dia para dia, mas uma subida incomprehensivel, e muitas vezes exageradissima.

Sabe-se que alguns comerciantes negam ao publico os generos, dizem que não teem, para no dia seguinte ou dias depois, os venderem por mais alto preço. Isto é frequente. Frequentissimo. A cada momento encontramos motivos para nos queixarmos amargamente e nunca a nossa indignação esbarrou ou vacilou deante das razões apresentadas por os srs. comerciantes.

Ha um facto que elles não explicam e que para nós é importante, muito importante. Como justificam os srs. comerciantes as grandes fortunas arranjadas durante o periodo da guerra? Encontraram por acaso as minas da California debaixo dos balcões? A não ser, é claro, que a maneira de negociar seja como a *virgindade da Maria da Fonte* ou como a honra do Mariano que, no dizer do seu ilustre advogado, *é branca e pura como a neve, alvas rosas de toucar!* Será?

Se é certo que os comerciantes teem feito tudo quanto teem querido, não é menos certo que tem faltado entre nós um governo que á similhança do que tem feito o governo francez, puzesse cobro a taes abusos castigando e reprimindo com energia os exploradores e os açambarcadores. Se em Portugal não imperasse atravez de tudo e em todos os tempos o favoritismo, o compadrio, a condescendencia, talvez que melhores dias tivessem surgido para esta infeliz patria e o povo não fosse criminosamente e vilmente explorado.

Emquanto o governo francez procede com mão de ferro aplicando multas pezadissimas e mettendo na cadeia os açambarcadores e todos aqueles que elevem o preço dos artigos sem auctorisação, aqui, *n'este jardim á beira-mar plantado*, vive-se a vida de tempos passados, d'aquelles tempos em que ali no pinhal de Trancas apareciam, de noite, cavalheiros d'industria a exigirem dos pobres transeuntes os magros cobres que levassem nas algibeiras. E' escusado ressuscitar o pinhal de Trancas. Com a marcha da civilisação appareceram novos processos.

Tudo tem subido. Tudo. E comtudo não se explica o preço elevadissimo do assucar, e de outros generos. Digam, se são capazes, as razões porque se vende o assucar por tal preço. Olhem que 1$30 e assim sucessivamente até 2$00 é muito dinheiro. Não lhes parece?

Mas é só o assucar? Não. E' tudo, e n'este *tudo* vão enumerados todos os generos indispensaveis á vida.

Oh senhores, pois se até a carne de vaca sobe, sobe sempre de preço sem ninguem saber porque sobe tanto!

Não sei... mas milagres não se fazem. Comprehendem? E agora, para castigo completo, até as pobres mulheres se vêem sériamente embaraçadas com os maridos, que aparecem em casa impertinentes, aborrecidos, por causa da falta do tabaco. Não ha tabaco! Comprava ainda ha pouco tempo um maço de cigarros—«Vanille»—por $45, mas agora—não ha tabaco!—levam-me $55 centavos.

Olhem que já é azar, já é andar infeliz.

A.

Resposta final

Ex.mo Sr. Homem Christo.

Sendo-me absolutamente indiferente que o sr. C. M. deitasse ou não deitasse á margem o meu *arrasoado* em resposta á sua *rapsodia* em todas as claves e todos os tons a proposito das condecorações *e dos condecorados*, permita-me já agora V. Ex.ª que eu encerre o incidente com as ligeiras linhas que seguem.

A alegação de se saber que o *Diario de Noticias* costuma colher de boa fonte as suas informações é uma coisa inconsistente, com fortes resaibos de *mentira convencional*. De boas fontes, como de boas palavras, anda o mundo cheio, e, todavia, de más ações está o Inferno a abarrotar!

O que tambem se sabe—e isto é que não é mentira convencional, de sobejo o sabendo o sr. C. M., que de ha muitissimos anos anda metido n'estas coisas de *letra redonda*—é que as informações de assuntos militares são fornecidas á imprensa diaria por individuos militares, directamente para as redações, ou indiretamente aos reporteres, que as recolhem nas repartições competentes. E aqui estamos nós no ponto vulneravel da questão.

Se o decreto que concedeu os graus d'Aviz não falava, **nem podia falar,** nos tais **serviços prestados em Africa na grande guerra,** como se explica que a informação viesse assim no *Diario de Noticias*? *Hum!—aqui ha grão de areia, cabelo, bicho ou coisa*, conforme o estribilho do celebre relojoeiro de Leiria!

Mas ha mais, e isso é que se torna mais sugestivo. O sr. C. M., que é um oficial superior—tenente coronel, se não estamos em erro—não devia ponderar que a Ordem de Aviz *nunca foi destinada a galardoar serviços de campanha*, e, assim, que havia erro de informação—isto na melhor hypotese—na local do *Diario de Noticias*, abstendo-se, por consequencia, de vir com a famosa *rapsodia*, que foi um monumental estendere-te, parecendo que houve em vista agarrar uma *deixa* pelos cabelos, tão somente para agravar camaradas, alguns dos quais na conta de seus amigos?

Emfim, a lebre vai corrida.

E já agora quero dizer ao sr. C. M. que tambem sou oficial. Se usei do pseudonymo *um oficial inferior do exercito* foi, muito propositadamente, para que o sr. C. M. viesse salientar o *despejo com que livremente me referia a oficiais superiores do exercito*, isto é, recriminar-me por uma falta que já ele havia cometido bem mais flagrante, com a sua *rapsodia* de achincalhação a uma boa meia duzia de legitimos superiores seus, a um dos quais tratou depressivamente, chamando-lhe *Sapo*. Para, afinal de contas, até n'isso *se estender* tambem, porque nunca esse oficial foi conhecido por tal *sobriquet*. Ora valha-o Deus!

E anda V. Ex.ª, sr. Homem Christo, a confiar no exito da «Liga Nacional de Educação».

De V. Ex.ª

A. C.

Cartas sem Rumo

VI

Uma das coisas mais curiosas da politica internacional do ultimo semestre foi a atitude da Alemanha em face da Russia, e as manobras do celebre Von der Goltz e do seu exercito. A Alemanha, que apressou e auxiliou a vinda do Bolchevismo, jogou nessa allura uma cartada formidavel, que bem mostra onde pode levar a inteligencia e a cultura, postas ao serviço dum fim imoral e diabolico, como era o da hegemonia alemã, atravez de tudo e por cima de tudo. E que bem mostra os resultados da celebre maxima *os fins justificam os meios*, principalmente quando praticada por uma nação inteira, que tem sempre tendencia a julgar-se irresponsavel. A Alemanha, jogando aquela cartada, matou... uns poucos de coelhos com uma cajadada. Em primeiro logar, suprimiu um dos seus adversarios, e um dos mais temiveis, podendo assim empregar na frente ocidental as tropas que contra ela combatiam. Em segundo logar, por meio de um tratado em que se aproveitou da inhabilidade e fraqueza dos adversarios, deprimidos ainda pelas suas oportunas ameaças e demonstrações de força, como foi a tomada de Riga e o avanço sobre Petrogrado, para obter enormes vantagens economicas, ela converteu a Russia, de potencia inimiga e temida, em uma especie... de colonia. Em terceiro logar, aproveitou a ocasião para fazer uma formidavel *experiencia social*, desmentindo assim, pelo menos uma vez, a afirmação de que a experimentação não é possivel em sociologia, quer dizer, de que nas sciencias sociais nos temos de limitar a observar os fenomenos quando eles se dão, e não podemos provocá-los para os observar depois.

A Alemanha quiz mostrar aos seus teoricos do socialismo o que é que este dava posto em pratica. E para isso fez aquela monstruosa experiencia, sem olhar ao abismo de miserias, de sofrimentos e de horrores, em que ia lançar um povo de 180 milhões de habitantes. Os dirigentes alemães mostraram neste caso que não lhes faltava talento; mas mostraram ao mesmo tempo a que crimes monstruosos ele pode conduzir quem o possui, mas não possui conjuntamente senso moral, ou só o possui em parte, quer por um defeito organico, (o que só se pode dar quando se trate de individuos) quer por um defeito de educação depois possivelmente acentuado pela hereditariedade (que é o caso da Alemanha).

Quanto a Lenine e seus sequazes, não mostraram menos talento dentro do seu ponto de vista.

O facto de a defecção russa constituir uma autentica traição, pouco lhes importava, pois eles consideram admissivel e plausivel tudo o que prejudicar e ferir a organização actual da sociedade, e não se reconhecem obrigados pelos pactos e contractos estabelecidos entre os governos burguezes. Quanto ao facto da Russia deixar de ser uma das grandes potencias para se tornar num protectorado da Alemanha, tambem os não fazia recuar, pois a ideia da Patria nada valia a seus olhos, que só atendem á guerra de classes. Aproveitando, pois, uma ocasião unica e que não se repetiria, os mentores do bolchevismo mostraram possuir um talento incontestavel. E querer-lhes contestar esse valor com o argumento de que não pode ter verdadeiro talento quem empreende uma obra que não pode de modo nenhum manter-se, e que só pode ter uma duração efemera, não é levar as coisas muito longe? Se vamos a isso, e se a inteligencia consiste unicamente em fazer obras definitivas, ninguem pode adquirir reputação de inteligente pela sua acção na conduta dos homens, porque ninguem pode estar, em politica, absolutamente certo do exito da sua obra. Mas mesmo que Trotzky e Lenine estivessem convencidos de que a sua obra se não manteria, eles só mostrariam pouca inteligencia se não se tivessem aproveitado das circunstancias: porque se todos os chefes politicos se embaraçassem com a simples duvida ácerca do exito dos seus actos, nunca havia transformações politicas nem sociais. E' que as formulas sociais e politicas são como os inventos scientificos: só se tornam viaveis e estaveis depois de muitas tentativas, de muitos ensaios, de muitos insucessos e derrotas de quem os experimenta, e depois de fazerem muitas victimas. De modo que um Lenine a hesitar, com medo de falharem as suas tentativas, seria um pouco como um Marconi que, duvidando do valor pratico da sua descoberta, nos mantivesse ainda hoje adstrictos ao telegrafo com fios. Salvo as diferenças que ha entre a utilissima descoberta do ilustre italiano e o sanguinario regime do criminoso nato que é Lenine, está claro...

Mas retomemos as palavras com que principiámos esta carta. E' curiosa a atitude dos reaccionarios alemães em face dos russos anti-bolchevistas. Os imperialistas alemães, que, ao contrario dos seus correligionarios russos, eram muito mais patriotas do que reaccionarios, não hesitaram em os sacrificar, quando davam dinheiro aos bolchevistas para fazer a revolução. Mas as circunstancias mudaram. A diabolica e monstruosa experiencia social que empreenderam já deu tudo o que podia dar em ensinamentos. O solo e o povo russo já deram á Alemanha as suas riquezas mais facilmente aproveitaveis e utilizaveis. Por outro lado, ela já não precisa das tropas da sua frente ocidental para as lançar contra os anglo-franceses.

Agora tudo mudou. A experieneia prolonga-se. Convem terminar com ela. A Russia impotente não serve de nada, e uma Russia forte e... grata e obrigada podia servir de muito para resistir aos aliados. Os russos anti-bolchevistas estão fartos de esperar pelo auxilio da *Entente*, com que já não contam. Porque não haviam os pangermanistas alemães de auxiliar os reaccionarios russos? Esta pregunta é tambem a resposta a muitos factos aparentemente obscuros. As tropas de Von der Goltz, atacavam, de acordo com os voluntarios russos, os letões, porque aos reaccionarios moscovitas, que sonham com o restabelecimento do santo imperio dos czares, não convem a independencia das pequenas nações que surgiram com a queda do antigo regime. Mas a ofensiva russo-alemã contra os bolchevistas falhou completamente. Os russos anti-bolchevistas perderam por sua vez a fé no auxilio alemão. As tropas alemãs, perante as exigencias insistentes dos aliados, retiram das provincias balticas. E nós cada voz estamos mais convencidos de que "o Bolchevismo cairá por si, isto é, sem qualquer intervenção armada do estrangeiro". Isto diziamos nós no numero 150 deste periodico, de 17 de agosto de 1919. E continuavamos: «Pelas armas, nada se fará contra os barbaros. A Guarda Vermelha é um exercito respeitavel, a Russia sempre foi um paiz dificil de invadir, mercê do seu clima, da extensão do seu territorio e da dificuldade que ha em manter e abastecer os exercitos invasores, e nenhuma das nações aliadas poderia cooperar eficazmente nessa invasão".

E hoje diremos mais: nem a Alemanha.

José Modesto.

Assumptos religiosos

Ex.mo Sr. Director.

Peço a V. Ex.ª a publicação do seguinte:

E' sabido que V. Ex.ª não é homem de irmandades, de nenhumas irmandades, mas como o assumpto que pretendo tratar diz respeito a uma festa tradicional, tradicionalissima, de Aveiro, e alem de tudo sabendo-se, como se sabe, que V. Ex.ª está sempre prompto a tratar com imparcialidade e com justiça todas as questões, eis porque me atrevo a pedir-lhe um cantinho do seu «O de Aveiro» embora, repito, V. Ex.ª não seja homem de irmandades e o caso que vou narrar não seja dos mais proprios no momento actual.

Trata-se das *entregas dos ramos*. Lembro-me—e quem se não lembra!—que esta festa religiosa despertava antigamente grande enthusiasmo na cidade e arredores. Os grandes figurões de Aveiro muitas vezes se prestaram a receber *o ramo* e emparceiraram com o povo, com os humildes, de barrete vermelho e gabão atado na cinta, atirando foguetes ás portas dos parceiros. Eram dias de alegria, eram dias de festa, e toda a gente, chegando aqueles dias, se dispunha a comprar foguetes e a acompanhar a musica quando esta ia dar as boas-festas aos novos mordomos. Tudo isto acabou. Não ha já enthusiasmo; não desperta já curiosidade.

O que, porem, é conveniente frizar-se é que são os proprios mordomos os primeiros a dar com a religião em pantanas. Só elles são os culpados do que está sucedendo com os *ramos*. E assim como elles consentem que os *ramos* fiquem annos e annos nas mãos de determinados individuos, quando ha inumeros pretendentes pedindo e implorando que lhes concedam a *graça* de receberem o ramo uma vez apenas, sem que os seus pedidos e os seus rogos sejam escutados, da mesma forma consentem muitas outras coisas que, por agora, me dispenso de apontar. Conheço familias que teem os ramos em casa ha uma porção de annos. Recebeu o ramo o pae, a mãe, os filhos, e agora só falta receber... não direi mais. Serio. Creia V. Ex.ª que não estou exagerando. E assim acontece que muitos individuos que agora desejam receber o ramo, porque fizeram promessa de o receber, não o podem conseguir n'estes annos mais chegados. Sabe V. Ex.ª o resuliado d'isto? D'aqui a alguns annos, e não tarda, hão de andar a pedir a uns e a outros para receberem os ramos, como já sucedeu, e ninguem quer. Responderão que continuem a recebê-los os mesmos que agora os não dispensam, só porque desejam que o ramo lhes fique eternamente em casa! Isto é acabar com a religião, é afastar adeptos, é contrariar a crença.

Parece, porem, que os irmãos estão na disposição de reunir para introduzirem nos estatutos a condição, que bem precisa é, de que nenhum mordomo poderá conservar o ramo em casa mais do que um anno, salvo quando não haja pretendentes. E' necessario que o ramo gire de familia em familia, de mão em mão. E não consentir monopolios.

Vamos, pois, a ver o que os srs. irmãos fazem.

Agradece muito reconhecido

Um irmão do Santissimo.

EM AVEIRO

25 DE JANEIRO

E' no dia 25 do corrente que, como se sabe, pois já está annunciado, vem a Aveiro um grande numero de republicanos do Porto saudar os republicanos de Aveiro pela resistencia offerecida por estes aos ignobeis traulitei os que, n'aquella cidade, se puseram em revolta contra a republica proclamando o regimem monarchico. E' um dia de festa, um dia de jubilo, a que se deve associar todo o povo d'esta terra. Para honra sua, da patria e da democracia assim ha de succeder.

A revolta do Porto não foi só odiosa por ser um attentado á soberania popular, que a republica representa. Foi-o sobretudo por ser *uma traicção*, **uma infamissima traição,** e o fecho da tyrannia que ha um anno se vinha exercendo. Não esqueçâmos nunca a differença que ha entre adversarios leaes e salteadores. Ninguem pode ter má vontade aos monarchicos simplesmente por elles serem monarchicos. Ninguem lhes poderia ter odio se elles lealmente houvessem pegado em armas. Tem-se-lhes má vontade pela sua perfidia, a sua deslealdade sem nome. Tem-se-lhe odio pela sua negra tyrannia, pela sua infamissima traição.

Assim é que é. Nem, jamais, quem escreve estas linhas poz a questão n'outro campo.

Houve um momento em que os monarchicos tiveram carradas de razão contra os republicanos. Foi quando estes os achincalharam, os vexaram, os espancaram, os tyrannizaram, sem nenhum motivo justificado. Foi quando esse bandido que se poz ao lado d'elles sobre a declaração de guerra, tornando-se solidario com a sua traição, esse bandido que os enthronizou com Sidonio Pais, esse bandido que se chama Brito Camacho e que pretende de novo enthroniza-los, foi quando esse bandido os baptizou com o nome de *adhesivos*, cobrindo-os de ensultos chocarreiros e escarros. Então sim, que os monarquicos tiveram razão para pegar em armas. E' sempre um dever, mais do que um direito, pegar em armas contra o tyrannia, como é sempre um dever, mais do que um direito, matar o tyranno.

Não faltam bandidos republicanos, nem bandidos realistas, que ainda hoje me accusam de ter feito n'esse momento causa commum com os monarchicos. Fiz, faço e farei. Nas mesmas circunstancias, **fiz, faço, e farei,** pois as instituições e os homens não valem para mim pelo seu rotulo, mas pelas suas intenções e os seus actos. Se os bandidos republicanos e realistas julgam com isso compromet-ter-me, redondamente se enganam. Não pretendi nem pretendo favores nem d'uns nem d'outros, favores politicos, em prol de pretendidas ambições, como os factos o veem demonstrando cada vez mais. **Fiz, faço, e farei.** Com os opprimidos iniquamente, com as victimas da tyrannia, ou se digam republicanos, ou se digam monarchicos, **fiz, faço e farei** causa commum em todas as circumstancias. Eu sou o documento vivo da tyrannia e da infamia republicana. Eu fui perseguido **como uma fera** pelos bandidos republicanos. E tão somente por os estygmatizar pela sua hypocrisia e os seus crimes. Commetteram contra mim todas as iniquidades. E essas iniquidades **estão todas de pé.** Mais ainda: continuam a ser praticadas. Descansem uns e outros, que nem o perdôo nem o esqueço. Mas isso não me deu nem dá direito a ser um bandido, e bandido é que eu nunca fui, nem em face de republicanos nem em face de monarchicos. Como opprimidos, em nome da justiça, farei causa commum com esses ou outros **em todas as circumstancias.** Como bandidos, jamais. Como bandidos nunca tive nem terei com elles **a menor solidariedade.** Como bandidos combati-os, a todos, combato-os, e combate-los-hei, com a mais viva energia e a mais decidida coragem. Eis a questão, para mim, no seu pé de verdade. Os bandidos só mentem, redondamente, quando me accusam de me ter declarado monarchico. Jamais! Sempre me disse e sempre fui republicano, ainda que affirmando ao mesmo tempo, affirmação que vem desde o principio da minha vida politica, que não fazia das fórmas de governo, para a felicidade dos povos, questão essencivel.

Eis a verdade! Causa commum contra a tyraunia e a infamia, sim. Causa commum com bandidos, jamais. Por isso mesmo nunca ataquei os monarchicos sem fulminar os bandidos e o banditismo republicano e nunca ataquei os republicanos sem fulminar os bandidos e o banditismo monarchico. Ora houve um momento em que os monarchicos perderam toda a razão contra os republicanos e em que o seu banditismo excedeu todas as marcas. Foi quando, declarada a guerra em 1914, elles começaram conspirando indignamente contra a sua patria. Foi quando collocaram as suas ambições de partido acima dos altos interesses nacionaes. Foi quando, depois de já terem clamado *antes Affonso XIII do que Affonso Costa*, infamia que eu lhes verberei, com muitas outras, como já ficou aqui provado, durante o meu proprio exilio, acabaram por gritar, em coro, **unanimemente**, pode-se dizer, tão poucas foram as excepções, **tudo, menos isso que ahi está.** Foi quando se aproveitaram do dezembrismo para acceitar *indecorosamente* cargos de confiança dentro da republica, com a intenção feita e firme de a apunhalar. Eis o que tornou odiosos e infames os monarchicos. Eis o que deu razão, plena razão, a todas as más vontades e odios contra elles.

Deixaram de ser portuguêses. Os monarchicos que conspiraram contra a patria, que directa ou indirectamente fizeram o jogo da Allemanha, e n'essas condições estão elles quasi todos, não só não podem ser tomados como portuguêses, senão que temos que os considerar como os peores inimigos da terra em que nasceram. Isto pelo lado patriotico. Pelo lado politico, não teem direito á consideração publica como adversarios leaes aquelles que se aproveitaram das difficeis circumstancias da guerra para proceder como bandidos.

Este é, este deve ser o significado moral das festas de 25 de Janeiro. Não o pode nem deve tomar a população de Aveiro n'outro sentido. Aveiro traçou uma das paginas mais gloriosas da sua historia durante esse curto periodo. Não era uma lucta de regimens que se iniciara no Porto. Era uma lucta dos traidores contra os patriotas, era uma lucta dos tyrannos contra os homens livres. Quem escreve estas linhas foi preso e condemnado á *leva da morte*, de que escapou por uma intervenção milagrosa, **unicamente** como castigo do seu patriotismo. Não ha uma pessoa em Aveiro, uma unica, nem mesmo d'entre os traidores, que não tenha *a absoluta certeza* de que o director d'este periodico foi extranho a todas as conspirações contra o sidonismo. Porque foi preso então? Porque o transportaram, para ser mettido na *leva da morte*, a Lisboa? Para o castigar pela sua ardente campanha patriotica, pela sua defesa calorosa dos altos interesses do paiz. Ora sendo a lucta iniciada no Porto uma lucta dos traidores contra os patriotas, dos sicarios que marchavam ás ordens do infame Solari Alegre contra os homens livres, dos reaccionarios, que em todo o paiz se haviam denunciado ferozmente sanguinarios, contra os partidarios da democracia, Aveiro honrou-se, Aveiro engrandeceu-se, Aveiro escreveu uma nova pagina da sua historia em letras de oiro, oppondo viva resistencia aos miseraveis, resistencia que os bandidos, por mais esforços que fizessem, nunca conseguiram nem quebrar, nem amortecer.

Honra e gloria a Aveiro! E' esse facto assignalado que os republicanos do Porto aqui veem festejar no dia 25 do corrente, sendo dever d'esta terra, duplo dever porque tambem é um dever de cortezia, recebe-los enthusiasticamente,

Que não perca tempo a commissão dos festejos. Se estes perderem do luzimento que merecem, a culpa será d'ella. Da sua inhabilidade—mera hypothese—ou do seu desleixo. Porque pela população, fico eu.

Aveiro, como sempre, comprirá o seu dever.

Caminhos de Ferro do Estado

Ex.mo Sr. Homem Christo.

Consumou-se a perfida intenção dos sidonistas-monarchicos do Conselho de Administração d'estes Caminhos de Ferro. Como não tenham os requisitos indispensaveis para sofrivelmente desempenharem as funcções que lhes foram cometidas por um ministro seu correligionario, passam o tempo ou cometendo disparates em que mais comprometem a situação financeira da administração ou perseguindo o pessoal que não abdica dos seus ideaes republicanos. Retiraram os passes da B. Alta aos antigos funcionarios do Conselho e aos chefes de secção do M. D. e do S. S., para os entregarem aos seus favoritos correligionarios; e agora completaram a façanha retirando os passes da C. P. ao mesmo pessoal em favor da sua camarilha. Isto é revoltante e não ha para onde apelar emquanto estes cavalheiros tiverem no governo quem tanta protecção lhes dispensa, a ponto de os defenderem no Congresso democratico.

Ha muito e muito a dizer d'estes figurões; e para V. Ex.ª formular uma opinião sobre a moralidade do Pinto Osorio, presidente, vou lembrar-lhe o seguinte:

No reinado do Sidonio e sua quadrilha, era director geral dos Transportes Terrestres, o sr. Cunha Leal, homem novo, inteligente e activo como poucos da sua cathegoria. Era então ministro do Comercio o tal Pinto Osorio, que nada fez senão insurgir-se contra um regulamento moralisador elaborado pelo aludido distincto engenheiro Cunha Leal, e sancionado pelo ministro das Subsistencias e Transportes, Machado Santos, em que responsabilisava as companhias por todos os valores que lhes eram entregues para expedição, evitando-se assim a serie de roabos que constantemente estamos presenceando. Fez com que o patrão d'elle, o Sidonio, revogasse o decreto em que mandava pôr em vigor o citado regulamento. Quer dizer que o Pinto Osorio foi ministro sidonista só para patrocinar as Companhias em detrimento do publico que lhe paga para tão mal o servir.

Por hoje não desejo preocupar-me mais com tal estafermo, nem abusar da hospitalidade do vosso muito apreciado jornal, o unico de toda a imprensa que tem a hombridade de pôr as situações bem a claro, dôa a quem doer, mas sendo verdadeiras.

Termino manifestando o meu reconhecimento pela publicação da minha carta de 17 de dezembro proximo findo, assim como os ferroviários liberaes que não podem suportar tal bando de corujas.

Sempre com inalteravel estima

De V. Ex.ª

Muito att.º admirador

5 de janeiro-1920.

M. M.

Bolchevismo

Não sahiu ainda o 2.º opusculo sobre bolchevismo, da série annnnciada, por difficuldades typographicas. Umas vezes falta de pessoal, outras vezes falta de gazolina, outras vezes falta de papel. Uma remessa de papel leva mais de um mês a chegar a Aveiro. Ha mais de um mês, agora, que faltou a gazolina na cidade. Emfim, difficuldades invenciveis, para as quaes só ha um recurso: esperar.

Mas o opusculo ha de sahir, e todos os da serie annnnciada.

Coisas Sérias

Meu caro Christo.

Que o ano de 1920 lhe corra propicio é o que lhe desejo.

Eu não sei se as minhas cartas lhe são indifferentes e aborrecidas; mas como julgo que tocando em pontos de honestidade, justiça e amor pela Republica, caminho a par do ideal de *O de Aveiro*, vou escrevendo sempre.

No tempo do sidonismo dei-lhe informações que mostravam a ignominia de alguns officiaes, que infelizmente ainda o são, e a desvergonha dos homens que então estavam á testa do governo. Usei então o pseudonymo *X*, mas as minhas cartas levavam a minha assignatura. Assim era, tovia, preciso.

Hoje, que já não tenho medo de ser preso, digo com toda a clareza o que sei, e afirmo o que digo com o meu nome, porque *nunca minto*.

Fallou-se, na semana passada, em estar imminente uma revolução. *O de Aveiro* foi dos primeiros jornaes a fazer o conveniente aviso.

Tomaram-se providencias; e, segundo disse o presidente do ministerio, a occasião falhou!

E' possivel que tivesse falhado ha uma semana. Mas fique o presidente do ministerio, e fique tambem o Paiz sabendo que continua a conspirata.

Nos meus escriptos em *O de Aveiro*, todas as vezes que me tenho referido ao general Jayme Leitão de Castro, digo — *que ainda é general*.

E digo *que ainda é general*, porque cumpria ao governo da Republica, após a victoria de 13 de fevereiro de 1919, que correu de vez com os traidores á Patria e á Republica, ter demittido *immediamente* o mencionado general, Jayme Leitão de Castro, porque, quer em Coimbra como commandante da Divisão, quer em Lisboa com o mesmo cargo, não fez mais do que perseguir republicanos e conspirar contra a Republica, inclusivamente commandando tropas revolucionarias e hostis á Republica.

Pois bem: esse homem que já devia ter sido banido do exercito, mas que, mercê de uma quasi criminosa tolerancia, ainda é general, estava uma das noites d'esta ultima semana de dezembro no Entroncamento em conversa com varios officiaes, alguns d'elles fardados.

A fazer o quê? Como é que se dá a coincidencia de estar esse individuo, altas horas da noite, fóra de Lisboa, com varios officiaes? De que trataria? Tendo-se fallado em abortos de conspirações, e sabendo-se que o Leitão de Castro, que ainda é general, é um pendão dos monarchicos ou sidonistas, a resposta creio que não será difficil de dar.

E' verdade: E se o sr. ministro da Guerra fizesse agora aquillo que os seus antecessores já deviam ter feito, demittindo-o?

Creio que no ministerio da Guerra deve haver provas mais do que sufficientes para habilitarem o illustre ministro a faze-lo.

Outra cousa, e tambem grave.

A questão dos alferes praticos, e, consequentemente, dos sargentos.

O que vou dizer já a esta hora deve ser do conhecimento do sr. ministro da Guerra, porque me permitti mandar-lh'o transmittir, porque sou republicano, sou patriota, e sou amigo do sr. ministro.

Em 1917 ou 1918 saiu um decreto mandando promover os sargentos a alferes, a fim de irem prehencher o quadro dos subalternos que estava sem o numero que devia ter.

Toda a gente sabe que os alumnos da Escola de Guerra de 1916, 1917 e 1918 eram, na sua enorme maioria, monarchicos, que foram elles quem fez a revolução de 5 de dezembro *para não irem para a guerra*. Eram monarchicos e... classifiquem-os.

Ora, sendo pedidos, com insistencia, subalternos e não se querendo mandar para França os *meninos* que n'essa occasião sahiram da Escola, mandou-se os sargentos, promovendo-os a alferes.

Creio que seria justo contar a antiguidade aos alferes desde a data da sua promoção.

Mas parece que o Conselho Superior de Promoções não foi d'essa opinião, e, em consequencia d'isso, ha hoje alferes que, tendo ensinado a recruta já como officiaes, a officiaes theoricos, vêem esses seus camaradas á sua direita.

Mais ainda: ha corpos onde os commandantes respeitam a opinião do C. S. P., forçando os alferes praticos a estarem sob as ordens dos theoricos *mais modernos*; mas ha outros corpos em que os commandantes seguem doutrina diversa, considerando *mais antigos* os que foram promovidos em primeiro logar.

D'aqui teem resultado exposições dos officiaes subalternos praticos que, a meu ver, com justiça, reclamam contra a sua subalternidade para com officiaes mais modernos do que elles, o que — está-se a ver — produz uma quebra de cordialidade entre camaradas. Bastaria isto para se olhar, com olhos de ver, para o caso.

Mas ha mais e peior. E' que os alferes praticos que foram promovidos *sem o pedirem* e preteridos por individuos que só mais tarde foram officiaas, estão na perspectiva de estarem eternamente alferes ou tenentes, porque lhes foi collocada á direita uma alluvião de alferes theoricos.

D'aqui o seu descontentamento, e o dizerem—porque o dizem; disseram-m'o a mim alguns— que, se amanhã houver um ataque á Republica, elles que já por vezes a teem defendido, d'esta vez cruzam os braços e nada fazem para a defenderem. Que a defendam os *meninos*, dizem elles.

Por outro lado, os sargentos que, o que desejam é que os officiaes sahidos das fileiras sejam promovidos para que elles tenham garantias de posição futura, vendo que os officiaes praticos estacionam, tambem estão desgostosos, e, segundo me informam, tambem estão dispostos a não se incommodarem com a defeza da Republica.

Ora o que é facto é que tem sido, em regra, os sargentos e officiaes praticos da moderna geração quem, em todas as conjunturas, teem salvo a Republica.

Se elles cruzam os braços... parabens ao Leitão de Castro.

O governo precisa olhar a serio para isto. O problema é de difficil solução? Será; mas não é insoluvel.

Que olhe quem deve olhar. O aviso ahi fica. Quem me avisa meu amigo é.

Abraça-o o seu velho amigo

obg.mo

X.

Victima do Dever

Subscripção aberta para um monumento funebre que, no cemiterio de Frossos, perpetue a memoria do cabo de infantaria 24 que foi o primeiro a cahir morto nas linhas do Vouga, em defesa da Republica, quando os miseraveis traidores do Porto, traidores á sua patria e ao regimen, atacaram esta cidade.

Transporte.....	52:000
José Casimiro da Silva (Aveiro)	2:000
Francisco Marques da Silva (Aveiro).....	2:000
Dr. Adelino Simão Leal (Aveiro)	3:500
Adelino Oliveira e Silva (Aveiro).....	1:000
Anonymo (Aveiro)	5:000
Alberto Souto (Aveiro)	5:000
Manuel Thomás (Aveiro) . . .	2:000
Antonio H. Maximo J.or (Aveiro)	5:000
Roque Ferreira J.or (Aveiro). .	1:000
Pompeu Alvarenga (Aveiro) . .	1:000
Lino Marques (Aveiro). . . .	1:000
Manuel Ferreira dos Santos (Anadia)	1:000
Somma.....	81:500

Em França, quando morre um soldado victima de um desastre em serviço, um simples soldado, *vae todo o regimento acompanha-lo ao cemiterio, com o coronel á frente*, **e nunca o coronel deixa de fazer um discurso á beira da sepultura, exaltando o dever.** Quantas veses eu não li esses discursos, esses pequenos discursos, e quão admiraveis, de eloquencia e sentimento, em geral, elles não eram!

Durante a minha estada em Paris, três agentes de policia, por três vezes differentes, foram mortos por *apaches*. Um d'elles, que foi condecorado com a legião de honra depois de morto, podia ter salvo a vida matando o *apache*. Mas elle não o queria matar. Elle queria *prende-lo*, que era isso que lhe impunha o seu brio profissional! E foi victima d'essa alta comprehensão do dever!

Das três vêses foi Lepine, que era o prefeito de policia, altissimo logar em França, acompanha-los, em pessoa, á sepultura. Das três vezes falou Lepine á beira da sepultura. Das tres vezes se fez representar no enterro o proprio ministro do interior. E das três vezes se concedeu uma pensão ás viuvas das três victimas do dever.

E' assim que a França mantem esse espirito heroico com que ha pouco assombrou o mundo. Esse espirito heroico a que todos, incluindo os allemães, prestaram a mais alta homenagem. A França venceu pelo sentimento. A França venceu pelo coração. Do sentimento se tem alimentado. Pelo coração se assignala. E as nações que manteem vivido e puro o sentimento, e que avançam no caminho dos corações, são immortaes.

Em Portugal a educação do sentimento deixa muito a desejar. Muito! Nós não precisamos só de educar a intelligencia. Nós precisamos muitissimo de educar a alma. As nossas manifestações intellectuaes são fracas. As nossas manifestações sentimentaes mais fracas ainda. Não confundir o sentimento com a *sentimentalidade doentia* que tão erradamente se toma por sentimento entre nós. A sentimentalidade d'esse genero é a doença do sentimento. Este, delicado, perfumado, com a pureza e a grandeza que o tornam a mais bella e a mais rica flor d'alma, não existe entre nós. Pois é preciso crea-lo. Pois é preciso educa-lo. As flores tambem se criam e se formam pelo trabalho e a educação dos homens. As mais bellas, até, das que mais encantam os nossos olhos, foram elles que as formaram. Pois demos tambem nós ao sentimento português a forma delicada e o perfume que lhe faltam.

Vem isto a proposito da optima idéa que teve o sr. dr. Alberto Ruella e que nós immediatamente perfilhámos. Aveiro desempenhou um papel importantissimo, não ha duvida, na repressão da revolta do Porto. Sem a resistencia de Aveiro, que teria succedido? Não é facil prevelo. Mas, pelo menos, a guerra civil tinha-se generalizado. Mas, pelo menos, seria muito mais difficil e mais penoso para a republica, com muito maior sacrificio de vidas e de dinheiro, dominala. Logo, o que a intelligencia e o sentimento impunham era que todos aquelles que em Aveiro concorreram para esse facto glorioso *pusessem em relevo* todos os incidentes capazes de o rememorar. Não se fez nada. Uma das maneiras mais dignas e intelligentes e delicadas de perpetuar a memoria do facto era erguer monumentos aos que morreram em defesa da republica que, n'esse instante, era morrer tambem em defesa da patria. Era não deixar esquecidos os mortos e abandonados. Relembrar os mortos, n'essas circumstancias, e honra-los, não é só um dever, não é só pagar uma divida sagrada, não é só um acto de sentimento que se impõe por todos os lados, é tambem *uma obra de educação nacional*. E' uma das maneiras, e das melhores maneiras, **de educar.** Se isto fosse assim comprehendido, que infelizmente não é, estaria cheia de nomes a lista da subscripção em favor do monumento de Frossos. De nomes de civis e militares, vindo, entre estes, á frente, os nomes dos officiaes. Dos que não são, é manifesto, germanophilos e monarchicos. Isto é uma manifestação de republicanos e patriotas. Os traidores absteem-se. Ninguem os deseja cá. Mas os republicanos e patriotas é que não podiam nem deviam abster-se, embora cada um subscrevesse com um pataco. Com o seu nome, ás claras. Que significam, n'isto, os anonymos? Envergonham-se de subscrever? E' admiravel! Teem medo? Medo de quê? Porque não podem dar muito, mas pouco? Se é por isso, que falsa comprehensão da propria dignidade! Mais se honra, muitas vezes, quem dá pouco, do que quem dá muito. Cada um dá segundo as suas posses. O valor moral não está na quantidade, está no simples facto de associar o seu nome, com dez reis que seja, a uma obra de *educação nacional*, de caracter republicano e patriotico.

Estou falando dos que são de Aveiro e vivem em Aveiro, percebe-se. Estas considerações não se entendem com os extranhos.

O nosso primeiro appello já foi ouvido. Ainda o não foi, todavia, tanto quanto seria para desejar.

Alberto Souto
ADVOGADO
AVEIRO

Lusitano Brites
Consultor Juridico do Ministério do Trabalho
ADVOGADO
LISBOA—Chiado, 29 2.º D.

Antonio Luiz Gomes, Filho
ADVOGADO
Rua Belomonte, 49—PORTO

Liga de Educação Nacional

Escreve-nos um amigo dizendo que *demais* conhecemos nós outros amigos que estão promptos a adherir. Não, caro amigo, não. Não conhecemos ninguem. N'um paiz em que os homens de *melhor reputação* fazem o que fez, por exemplo, o sr. Antonio Granjo, que passou de patriota a confraternizar com os traidores, de marechal da *União Sagrada* a marechal camachista, ninguem sabe que transformações se poderão exercer nos homens da noite para o dia. Quanto mais em um intervallo de dois ou três mezes. Quem estiver disposto a adherir que o diga, ratificando, que dirigir convites *seja a quem fôr* não dirigimos. Nem dirigimos convites, nem lembramos peccados velhos. Estas adhesões, ou são tudo quanto ha de mais espontaneo e mais convicto, ou o seu valor é nullo. Por simples comprazer, que não venha adhesão nenhuma.

Outros já teem adherido suppondo que os tinhamos por seguros. E, comtudo, não esperaram convite.

* * *

Perguntam-nos se para adherir é condição essencial estar desligado dos partidos. Isso só o podem resolver, em reunião conjuncta, os membros da Liga. Mas a nós quer-nos parecer que é conveniente, pelo menos, *não estar muito ligado a elles*. Então se a Liga tiver de combater um acto immoral ou anti-nacional ou funesto á educação publica de qualquer dos partidos, em que attitude fica, dada a comprehensão que ha entre nós de partidarismo, quem fôr ao mesmo tempo membro da Liga e membro d'esse partido? Só sendo *muito pouco* partidario, com mais amor aos interesses do paiz e á verdade do que aos interesses do partido. Senão...

Poucos, mas bons. *A Liga de Educação Nacional* só será verdadeiramente forte quando estiver fóra e acima dos partidos.

Mas, repito, isso fica para segundas leituras.

Coronel Bandeira

A carta que se segue já está em nosso poder ha duas semanas. Estava composta para sahir no ultimo numero, mas conveniencias de paginação nos obrigaram a retira-la.

Conhecemos José da Silva Bandeira ha muitos annos. Vae para 30 annos. E ninguem melhor do que nós pode depor sobre a sua honestidade, a sua inteligencia e a sua competencia. Alliando a isso a mais inquebrantavel fidelidade aos ideaes republicanos e a mais viva fé na republica. Nem se lhe conhecia outro defeito. Todos diziam que o *unico* defeito do Bandeira era esse. Pois que, n'esse tempo, ser republicano era *um defeito*, quando se não tornava um crime. De resto, official muito sabedor, muito applicado, muito zelozo, muito honesto, muito distincto. Essa homenagem lhe é devida e com verdadeiro prazer aqui lh'a rendemos.

Meu caro Christo

Desejo-lhe muita saude e felicidades.

Creio que já, ha uns 20 dias, lhe exprimi a minha opinião relativa á carta do sr. Oliveira Cabral, relativamente á organisação de um partido chefiado por si.

Eu não entendo nada de politica e portanto não sei se o que lhe dizia eram dislates politicos. Creio que o eram: mas com certeza esses dislates tinham origem no estudo, embora superficial, do modo como está constituida a nossa sociedade.

Quem se queira propôr fazer um governo serio e honesto baqueia perante as exigencias dos politicos, dos comerciantes, dos agricultores, dos industriaes e dos que se querem governar.

Por este motivo eu não desejo ver no governo amigos meus. E foi por isso que, quando escrevi ao meu amigo Sá Cardoso, homem de bem ás direitas, por occasião de elle constituir governo, lhe disse que lhe não dava os parabens; mas que tinha a certeza de que quando elle cahisse, cahiria de pé e honrado.

Pelo mesmo motivo não quereria ver no governo o Christo. A sua acção teria de ser violenta, e... nada conseguiria, talvez, senão excitar animadversões que ora estão latentes.

Essas animadversões seriam dos traficantes e maus cidadãos, é certo: mas seriam innumeras e enormes, por falta das verdadeiras noções de civismo, de patriotismo, e, sobretudo, pela velocidade adquirida no caminho da desvergonha.

Propunha eu uma cousa a que o meu amigo chama «Liga de Educação Nacional» onde se reunissem o escol do Commercio, da Industria, da Agricultura, das Artes e das Lettras, e que, com o amigo no Parlamento, se empenhariam em fazer d'esta Falperra um Portugal novo.

Diz o sr. Cezario da Cruz que «agrande força politica que communga nos seus propositos pertence ao P. R. P. e não o abandona para entrar n'outro partido».

Não sei o que ha de verdade n'esta affirmação. E' possivel que seja verdadeira, porque no P. R. P. em que estou filiado, que é o mais forte, e o mais dedicado á Republica, se ha (e basta ser o mais numeroso) muita gente pouco... pouco... catolica, ha muitissima gente de bem a quem repugnam manigancias politicas, *arranjos*, prebendas, etc., e que, por esse facto, estarão de accordo em cooperarem n'uma ideia tão nobre, qual é a do resurgimento da Patria por uma Republica honesta, digna e moralisadora.

E essa Republica só pode ser creada pelas pessoas de bem, e de verdadeira isempção, de todos os partidos.

Pela minha parte, filiado no P. R. P., mas não tendo colleira, isto é, não sanccionando com um *amen* tudo quanto o partido faça e que eu entenda ser mau, estou prompto a entrar, apezar de velho, para essa «Liga» de homens de bem.

Sou, como sabe, republicano velho: nunca pedi nada á Republica, e nada lhe devo.

Poderia estar n'uma situação de destaque; poderia mesmo estar hoje ao serviço e general. Bastar-me-hia ter requerido a minha reintegração.

Foi-me offerecido um requerimento já feito e bastaria só pôr a minha assignatura, para eu ser reintegrado. Recusei, porque é contra os meus principios pedir para mim e porque entendia e entendo que, se o meu nome e os meus serviços á Republica, (alem da perseguição de que fui victima e que atirou commigo para o Quadro de reserva) são apreciados, deveria ser o governo quem me deveria reintegrar, sem ser preciso o meu requerimento. Não o fez; portanto não deveria eu ir causar-lhe remorsos.

Como militar, creio que fui sempre correcto e dos mais estudiosos: e como cidadão não tenho uma unica mancha na minha vida. Posso pois orgulhar-me de ser homem de bem em todos os sentidos, e republicano de principios.

Não sei falar em publico; não sei escrever, e portanto não poderei arrastar os indifferentes. Mas sou mais um. E como se trata de numero de adhesões cá estou eu tambem, o que de resto não é novidade para si.

Vá elaborando o programma os estatutos da Liga, porque eu desde já declaro que cumprirei os seus articulados.

Porque não se reunirá o amigo com o sr. Oliveira Cabral, Caldeira Queiroz, e mais uns dois ou tres homens de bem e que perfilhem a ideia, para se assentar definitivamente na elaboração do Regulamento?

Diz o sr. Caldeira Queiroz: Tem V. Ex.ª a palavra. Eu direi: Teem a palavra. E comece o anno novo a alicerçar as bases para uma Republica digna e honrada.

Repudie-se tudo o que tenha um nome mais ou menos ennodoado, e falle-se sempre a verdade, doa a quem doer.

Avante pela Republica!

Relativamente a Defensores da Republica:—lembra-se do que eu lhe disse, ha tempos, n'uma carta que não foi publicada?

Agora veio dar-me razão.

Os *defensores da Republica* não eram—na sua generalidade—mais do que individuos que queriam cevar os seus odios, ou se queriam governar, ou queriam ambas as cousas. Queriam impor se, coitados. Afinal cairam no ridiculo e na animadversão até dos proprios correligionarios. Eram energumenos que queriam mandar em tudo e em todos, só vendo em si proprios, e exclusivamente, os verdadeiros republicanos. Afinal elles não eram defensores da Republica: eram coveiros d'ella.

Resalvo, é claro, um ou outro bem intencionado, se o ha. Aqui em Coimbra é uma lastima.

Bem. Esta já vai mais longa do eu que esperava e porisso termino soltando um brado: Pela Patria! Pela Republica! Pela Liga de Educação Nacional!

Abraça-o o

Seu velho amigo obrigadissimo,

Bandeira.

* * *

Dr. Alberto Souto

Dá a sua adhesão á Liga o nosso prezado amigo dr. Alberto Souto, antigo deputado republicano por Aveiro, advogado n'esta cidade, de primorosas qualidades de intelligencia e de caracter. Talentoso e digno.

E mais não accrescento, porque se continuo n'este caminho, d'aqui a pouco os leitores... desconhecem-me. Já elles estão admirados, ao que me consta. Descancem, que não cahirei nos vicios do elogio mutuo nem do partidarismo. Mas os senhores comprehendem: tenho que fazer a apresentação dos novos membros da Liga, quando os conheço, ou quando me transmittem a seu respeito informações dignas de apreço. Só perante os desconhecidos é justificado o silencio.

* * *

Dr. Alberto Ruella

Outra adhesão valiosa. O dr. Alberto Ruella, antigo director da *Razão*, orgão dos democraticos de Aveiro, e contador d'esta comarca, affirmou ainda ha pouco o seu patriotismo e o seu republicanismo, como official miliciano, sob o consulado de Sidonio, com firmeza de caracter pouco vulgar, que muito o honra. Foi elle quem impediu; affirmando com energia os bons principios, que a guarnição militar de Aveiro seguisse o exemplo da guarnição militar do Porto no caso do *Norte*, como foi dos primeiros a organizar a defesa d'esta cidade contra os trauliteiros do Porto.

O dr. Alberto Ruella é homem decidido e de acção, e dos que mais energicamente affirmam a necessidade de dar ao paiz e á republica outros rumos.

* * *

Lisboa, 5—1—920.

Ex.mo Sr. Homem Cristo.

Vendo a iniciativa do sr. Oliveira Cabral, não quiz deixar de pertencer a esse nucleo de defesa patriotica que tenta organisar, e nesse sentido escrevi a V. Ex.ª ha seguramente um mês, e como até hoje não viesse no jornal de V. Ex.ª cousa alguma a meu respeito, eis a razão que me leva a escrever-lhe, não se tivesse dado a coincidencia de a carta se ter extraviado, e visto ee ver no jornal de V. Ex.ª cartas com adhesões mais modernas do que a minha.

De V. Ex.ª

Este seu assinante de *O de Aveiro* n.º 2:675

Raul Rodrigues Sotta.

Effectivamente, não recebemos carta nenhuma.

* * *

Joaquim Silva

Ex.mo Sr.

Os artigos de fundo dos ultimos numeros de *O De Aveiro*, em que tao brilhantemente se affirma a maleabilidade e pujança do seu raciocinio, a eloquencia da sua frase e a justeza do seu golpe de vista, como fruto sasonado da mais fecunda das experiencias, actuaram tão profundamente no meu espirito que, sendo já um admirador entusiasta da sua obra doutrinaria, fiquei o mais ferveroso dos seus apostolos. Quizera ter-lhe gritado cá de longe:—apoiado!... Mas conte comigo! Porem, tratava-se de um partido politico. Eu sou militar e, como tal, não quero facção senão a da Verdade, partido senão o da Justiça, exercito senão o da Democracia.

Agora trata-se de educação, nos seus aspectos mais elevados, na sua função mais nobre:—pronto, aqui me tem.

Mas eu devo fazer-lhe uma confissão minuciosa e sincera do meu *Credo*. Sou republicano sem mistura; tenho fé na Republica, como o modo de ser politico que ha de regenerar a nossa raça, dignificar a nossa moral, fomentar a nossa riqueza e impor o nosso nome.

Sou um desiludido, mas não sou um descrente. Quero a maxima moral nos nossos costumes, dentro da significação mais lata da palavra. Quero a união de todos, o rigor para os culpados, a liberdade para os inocentes. Preconiso como necessidade social a autoridade civil e como garantia politica a força armada. Prelendo o entendimento pacifico e justo entre as classes. Quero a disciplina no Exercito e a ordem na sociedade. Amo a instrução mas detesto os pedantes e abomino os hipocritas. Orgulho-me das sãs tradições do nosso povo e envergonho-me das imitações estropeadas e descabidas. Odeio a mentira, a ignorancia, a grosseria e tenho o culto da verdade, do saber e da correcção. Entendo que, se não se opozer uma barreira bem solida á desagregação social, principalmente á degradação da mocidade, nós cairemos fatalmente na mais abominavel Babel que o mundo tem visto. Posso, dentro destes principios, servir a «Liga de Educação Nacional?» Conte V. Ex.ª comigo. E peço que inscreva o meu nome como o mais decidido dos filiados.

Por ultimo e para auxiliar a sua memoria, informo V. Ex.ª de que lhe fui apresentado ha dias na «Universidade do Porto» por um amigo commum, que quiz dar-me essa honra.

Com o testemunho da minha maior consideração, sou

De V. Ex.ª

admirador sincero e respeitador

Porto, 4—1—920.

Joaquim Silva

Ten. da G. N. R.

Sim, senhor. Pois então não me lembro do nosso encontro tão recente na Universidade do Porto?

Recebo a sua adhesão com muito prazer e muita honra.

* * *

Vizeu, 4 de Janeiro de 1920.

Ex.mo Snr.

Não tendo recebido «O de Aveiro» posteriormeate a 14 de dezembro, supuz que tivesse interrompido a publicação, por força de greve typografica, ou por outro motivo.

Recebendo, porem, o publicado com data de hoje, vejo que entre 14 de dezembro e 4 de janeiro se publicou pelo menos um numero (n.º 168), o qual logo o favor de me fazer enviar.

Aproveito a oportunidade para declarar a V. Ex.ª que, apesar de velho e com pouco prestimo, me prontifico a contribuir com a minha quota de serviços ou de dinheiro para que a «Liga de Educação Nacional» em formação possa ter bom exito e tornar-se util ao nosso querido paiz.

De V. Ex.ª

Muito Atento e Admirador

Celestino H. Corrêa Severino.

* * *

Ex.mo Sr.

Este postal tem por fim dizer a V. Ex.ª que tem a minha incondicional adesão ao partido que fôr chefiado por V. Ex.ª, podendo contar com o meu esforço e a minha dedicação, considerando-me desde já assignante de «O de Aveiro» e podendo desde já mandar receber a cobrança.

Com toda a consideração

De V. Ex.ª

Inacio Batista Pereira.

Capitão do Q. A. de Engenharia.

* * *

Paços de Brandão, 31—12 919.

Ex.mo Sr. Homem Christo

E' com verdadeira satisfação que vejo fundada por V. Ex.ª a *Liga de Educação Nacional.*

Tendo posto n'outros tempos idos, todo o meu esforço em prol da Republica, ando, desiludido e descrente, afastado da politica ha oito annos, nada querendo d'ela nem tão pouco nada d'ela precisando; todavia, desejando o bem e engrandecimento da minha—até hoje—ingrata Patria, e, chegando-me aos ouvidos *quasi surdos*, o toque de clarim—lançado aos quatro ventos n'*O De Aveiro* por alguns patriotas sinceros e honestos—tocando a reunir, e convencido como estou, de que ainda haverá possibilidade de salvar esta Patria infeliz, não quero ser dos ultimos a enfileirar na Liga chefiada pelo grande cidadão e patriota que é V. Ex.ª, podendo desde já, como sempre, V. Ex.ª contar com a adhesão leal e dedicada do sincero admirador.

De V. Ex.ª

Creado e Muito Obrigado

Manuel Affonso Pericão.

P. S.

N'esta minha adhesão, vae um grande abraço de saudação, ao meu particular e velho amigo sr. Tenente Coronel Augusto Cesar Taveira, grande patriota e revolucionario do celebre 31 de Janeiro, que acaba de adherir tambem; segundo carta já publicada n'*O De Aveiro.*

Pericão.

* * *

Dr. Henrique Vieira e Mello

Formado em direito, professor e secretario da Escola Normal Primaria de Coimbra. Considerado em Coimbra um dos novos de real valor.

* * *

Filipe Coelho

Commerciante e industrial, jornalista e redactor do *Radical*, de Coimbra. Homem novo, mas *velho republicano*, sendo novo. Intelligente, hoaesto e de acção.

* * *

Francisco Ferreira

De Coimbra tambem. Commerciante e industrial. Republicano da velha guarda. Homem rico, mas com ideal. O *mas* aqui não é demais, porque ser rico e ter ideal não abunda entre nós.

* * *

Porto, 22—12—919

Ex.mo Sr. Homem Christo.

Junto remeto a V. Ex.ª a importancia de dois escudos, para a assinatura do seu jornal «O de Aveiro» cuja doutrina está calando bem no espirito dos são Portuguezes, que ainda os ha, felismente.

Aproveito a oportunidade para dizer a V. Ex.ª que estou de alma e coração com a simpatica e patriotica edeia do Sr. Oliveira Cabral.

De V. Ex.ª

Com a maxima consideração e respeito,

David da Cunha Martins

2.º Sargento musico da Guarda Nacional Republicana. Rua dos Martyres da Liberdade, 258 e 260—Porto.

* * *

José Monteiro da Costa

Commerciante, em Coimbra, na Rua da Sophia, dedicado e enthusiastico defensor dos bons principios, e que, effectivamente, foi *o primeiro*, assim que se falou em *Liga de Educação Nacional*, como elle diz no bilhete que se segue, a mandar-nos a sua adhesão e applauso.

Coimbra, 8 de Janeiro de 1920.

Ex.mo Sr. Homem Christo

AVEIRO

Quando V. Ex.ª disse no seu jornal que em Lisboa se lançavam as bases da *Liga de Educação Nacional*, dei logo a minha adesão e agora a confirmo, congratulando-me com a adesão de professores que sejam bem vindos, restando-me ver com que exemplos se apresentam a educar.

A *Liga de Educação Nacional* tem que incidir toda a sua acção nos centros e meios escolares, apostrophando os vicios, ensinando a hygiene do corpo e da alma, e, com isto, tudo o mais que se pretende de bom rumo a seguir.

De V. Ex.ª

José Monteiro da Costa.

* * *

Villa do Conde, 7 de Janeiro de 1920.

Ex.mo Sr. Homem Christo.

Tenho acompanhado com muito interesse no seu jornal, a campanha patriotica em favor da formação da *Liga de Educação Nacional.*

Sou tambem dos que comprehendem que a nossa salvação está na junção de todos os patriotas que acima dos seus interesses poem o bem comum.

Depois de experimentadas todas as formas de governo, extintos os entusiasmos por quanto idealisamos, vemos que o nosso mal é de origem, isto é, da nossa falsa educação civica, por isso, toda a ação no sentido de orientar o povo na comprehensão dos seus deveres de cidadãos livres e conscientes, é tudo para que n'um futuro mais ou menos curto, possamos ver uma Patria feliz.

Na qualidade humilde de um modesto cooperador n'essa grande obra, ofereço a minha adesão entusiastica e sincera, á *Liga* que V. Ex.ª fundou, com o aplauso dos bons e leaes patriotas.

Com toda a consideração sou

De V. Ex.ª

Atento e venerador

Ambrosio Fernandes Loureiro.

Como se vê, *cresce o monte*. E ha de ir crescendo. Palpita-me que isto vae longe.

Alguns dos adherentes perguntam-me o que hão fazer. Mandar nomes. De gente séria, de gente limpa, de todas as classes, que todos terão o seu papel, o rico e o pobro, o sabio e o ignorante. Fiquem certos de que todos terão o seu papel.

Por ora, n'este periodo de agremiação, o que ha a fazer é isso: mandar nomes. De gente que dê a adhesão sincera, sem custo. Por comprazer, por *favor*, não queremos.

"O DE AVEIRO,,

Vende-se em Agueda — Borralha, em casa do sr. José Alves de Oliveira.

ENFORCA-SE!

Ex.mo Sr. Homem Christo

Se V. Ex.ª não vem depressa tomar conta do paiz ele afoga-se num mar de sangue e lama.

O covardão de Chomba não perdôa áqueles que, defendendo os seus interesses, protestaram contra o projecto Rosa. Numa semana inutilsou ele um grande numero de sargentos, com prisão correcional. Um deles, sargento artifice de infantaria 5, meteu um requerimento pedindo passagem de unidade. O Rosa vendo na nota de assentos que ele tinha sido punido, dias antes, com 10 dias de detenção, por ter chegado mais tarde a um serviço, alterou-lhe o castigo para 40 dias de prisão correcional. Por ter dado um empurrão num cabo foi punido com 40 dias de prisão correcional um sargento de infantaria 31; mas o filho do Rosa, alferes de cavalos, deu duas bofetadas na cara do soldado Manuel Duarte, 237, 3.o, de cavalaria 9, por este não dar tanta palha ao cavalo como o dono desejava, e o seu mal foram batatas, apezar de provocar grosso escandalo no Q. G. da 3.ª D. E. O pae do filho logo que teve conhecimento do ocorrido mandou recolher o soldado ao seu regimento, por não convir ao serviço da D. Qualquer dia temos grosso escandalo. O Rosa tem de sair do Q. G. por uma das janelas. Depois o Ministro da Guerra e o Chefe da G. N. R. que venham com mais confidenciaes, mandando vigiar os sargentos e recomendando, em teorias, que se fermentem rivalidades entre a G. N. R. e o Exercito. O Ministro da Guerra convidou o tenente-coronel de artilharia..., F. G. (1) (o pistola) para professor da Escola Central de Oficiaes, para o recompensar pela sua propaganda antiguerreira e por ter abandonado o seu logar no C. E. P., para de bom grado aceitar o lugar de chefe de espionagem politica, em Paris, no tempo do Dezembrismo.

Um admirador de V. Ex.ª

F.

Alto! Oppomo-nos a que o Rosa seja lançado pela janella fóra. Propomos que seja antes enforcado na sua propria banda de official, e que, assim, seguro por ella, fique exposto três dias, pendente da janella do Quartel General.

Alerta, officiaes e sargentos republicanos e patriotas! Alerta, que a revolução está imminente!

Não tarda.

(1) Declara-se na carta o numero do regimento e o nome do official, mas como é grave a accusação, substituimos o numero do regimento por reticencias e o nome por iniciaes, até novas averiguações.

Assignantes

Continuamos a publicar a relação dos recibos devolvidos pelo correio. Não os podemos mandar 2.ª vez á cobrança porque cada recibo custa agora mais 70 reis *do que anteriormente, ou* 80 reis *no total fóra o premio do vale. E, ou o recibo seja pago ou não*, pagamos o mesmo.

A maior parte d'esses recibos devolvidos são de assignantes das aldeias, que ficam longe das sédes de cobrança. Mas para não soffrerem suspensão na remessa, basta que nos avisem em bilhete postal de que nos mandarão a importancia com a maior brevidade possivel. *De outra forma*, já não receberão o numero immediato d'este periodico.

606-109—Bragança. Avisado.
292-239—Bragança. Avisado não pagou.
880-45—Mertola. Avisado não pagou.
31-45—Mertola. Avisado não pagou.
1661-190—Anadia. Avisado não pagou.
2349-237—Anadia. Manuel Francisco Tomé, foi avisado declarou que não pagava. Caloteiro, ficou a dever dois mezes.
372-56—Anadia. Ausente.
56-236—Anadia. Avisado não pagou.
1582-189—Anadia. Avisado não pagou.
2193-228—Anadia. Avisado não pagou.
1565-189—Evora. Não foi encontrado.
384-193—Oliveira do Hospital. Avisado não pagou.
539-16—Vizeu. Ausente.
823-182—Vizeu. Não pagou.
919-50—Chaves. Avisado não pagou.
1884-220—Olhão. Não foi encontrado em casa.
1446-196—Leulé. Avisado não pagou.
612-218—Torres Novas. Avisado não pagou.
252-161—Torres Novas. Avisado não pagou.
2288-235—Torres Novas. Avisado não pagou.
2290-235—Torres Novas. Avisado não pagou.
1070-201—Porto. Ausente.
2389.—Porto. Avisado não pagou.
2317-236—Porto. Avisado não pagou.
2603—Porto. Avisado não pagou.
2657—Porto. Avisado.
2614—Lisboa. Avisado não pagou.
911-188—Lisboa. Dizem que está fóra.
1570-189—Lisboa. Não reside ninguem.
1670-215—Lisboa. Mudou-se.
1049-233—Oliveira de Azemeis. Avisado não pagou.
2270-234—Oliveira de Azemeis. Avisado não pagou.
1562-188—Oliveira do Bairro. Avisado não pagou.
2500-249—Oliveira do Bairro. Avisado não pagou.
1425-191—Penaguião. Avisado não pagou.
1424-190—Penaguião. Avisado.
1423—Penaguião. Avisado.
1422-191—Penaguião. Avisado.

Nota:—As observações são dos empregados dos correios, escriptas por eles no verso dos recibos excepluando a palavra *caloteiro*, quando esta se torna necessaria, que é nossa.

FRIEIRAS

As não ulceradas desaparecem em poucos dias, usando o **Frieiricida Amorim**, unico especifico até hoje conhecido que dá resultados positivos.

Pedidos á Farmacia Amorim—Anadia—Sangalhos.

DEPOSITOS

Aveiro—João Ferreira Felix, Rua Direita.

Lisboa—Drogaria Castro, Rua de Santo Antonio, 88.

Porto—«A Medicinal», Rua Mousinho da Silveira, 115.

Coimbra—Farmacia do Castello.

Figueira da Foz—Farmacia Simões.

Covilhã—Farmacia Pedroso & Matos.

Guarda—Farmacia Ruas.

Louzã—Farmacia Fonseca.

Anadia—Farmacia Alvim.

Avelans de Caminho—Farmacia Rangel.

Vizeu—Farmacia Roque, Succr.